

A CASA E O HABITAR: EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS DO ISOLAMENTO SOCIAL
THE HOME AND THE INHABIT: EMOTIONAL EXPERIENCES FROM SOCIAL ISOLATION
LA CASA Y EL HABITAR: EXPERIENCIAS EMOCIONALES DE AISLAMIENTO SOCIAL

Marcia Alves Soares da Silva¹
marciaalvesgeo@gmail.com

Bruna Maria Siquinelli Marcílio
bms.marcilio@gmail.com

RESUMO

A relação que tecemos com os espaços é permeada por experiência emocionais. No atual contexto de isolamento social, tal experiência ganha destaque, especialmente na dinâmica da casa e da rua, do espaço íntimo e do espaço público, sendo preciso transformar e adaptar-se à uma complexa experiência do habitar, dada às mudanças do espaço-tempo, das necessidades e das relações. Com essa preocupação, apresentamos uma análise sobre a casa e o habitar, dialogando Arquitetura e Filosofia e apresentando alguns dos resultados obtidos com uma pesquisa online realizada em abril de 2020 sobre as percepções das pessoas sobre suas casas e a experiência do habitar numa perspectiva emocional.

Palavras-chave: Emoções; Neuroarquitetura; Covid-19.

ABSTRACT

The relationship we have with spaces is permeated by emotional experiences. In current context of social isolation, such an experience gains prominence especially in the dynamics of the house and the street, the intimate space and the public space, being necessary to transform and to adapt to a complex experience of inhabit, because of the

¹ Marcia Alves Soares da Silva - Professora Adjunta do Departamento de Geografia da UFMT; Doutora em Geografia pela UFPR; Bruna Maria Siquinelli Marcílio - Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na UFMT.

A pesquisa está inserida dentro das discussões do grupo de pesquisa HPGEO (UFMT) e desenvolvida em nível de iniciação científica no âmbito do projeto de pesquisa "Por uma Geografia das Emoções no /do espaço urbano: reflexões sobre as espacialidades emocionais".

changes of space-time, needs and relationships. With this concern in mind, we present a analysis of the house and inhabit, dialoguing Architecture and Philosophy and presenting some of the results obtained with an online research carried out on April 2020, about people's perceptions of their dwellings and the living experience in a emotional perspective.

Keywords: Emotion; Neuroarchitecture; Covid-19.

RESUMEN

La relación que entrelazamos con los espacios está impregnada de experiencias emocionales. En el contexto actual de aislamiento social, tal experiencia gana prominencia, especialmente en la dinámica del hogar y la calle, el espacio íntimo y el espacio público, siendo necesario transformar y adaptarse a una experiencia de vida compleja, dados los cambios del espacio-tiempo, necesidades y relaciones. Con esta preocupación en mente, presentamos un análisis de la casa y el habitar, dialogando Arquitectura y Filosofía y presentando algunos de los resultados obtenidos con una investigación realizada en abril de 2020 sobre las percepciones de las personas sobre sus hogares y la experiencia de habitar en una perspectiva emocional.

Palabras-clave: Emociones; Neuroarquitectura; Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

O atual momento do isolamento social no contexto da pandemia da Covid-19 nos traz reflexões que referem-se ao mundo exterior e interior, a rua e a casa, o eu e o mundo, o global e o local, o íntimo e o coletivo. É uma pausa no movimento frenético da vida cotidiana, em que muitas relações com as coisas e com os outros não são observadas com atenção. Num contexto de aparente desamparo, angústia, medo e incerteza, buscamos a proteção, o aconchego, o conforto, de acordo com as necessidades do nosso tempo, e não necessariamente do tempo exterior. De modo mais profundo ou superficial, mas não ignorado, há uma ressignificação da relação do eu com os espaços, que inicia-se na esfera íntima da casa e reverbera-se no ser e estar na esfera pública. Essa ressignificação pode ser dialogada com a ideia de resiliência, no sentido da necessidade imediata de adaptar-se às transformações e ressignificar a experiência, que é expressada de diferentes formas e escalas. Nosso interesse, nessa reflexão, é pensar a esfera da intimidade – a casa –, e as relações que estabelecem-se nessa atmosfera – tanto com os espaços físicos, quanto com as relações intersubjetivas –, entendendo que as necessidades de adaptação à difícil e rápida transformação da realidade se repercute em nossas relações sociais, mas também espaciais. Significativamente a conexão do corpo e da casa, nesse contexto de isolamento social, é (re)pensada, porque a relação espaço-tempo modifica-se. Os horários, as rotinas, as pausas, os contatos, são transformados. Buscamos na casa – aquela que é a necessidade primária de proteção – o abrigo que nos acompanha desde os primórdios, enquanto seres humanos. A noção de abrigo aqui refere-se a sua possibilidade de nos proteger fisicamente do “perigo” do mundo exterior, mas também emocionalmente conferir amparo.

Salientamos que não ignoramos as diferentes experiências, inclusive de violência, que são vivenciadas no espaço da casa. No entanto, nosso debate faz a provocação do vir a ser: o que seria uma ideia saudável de casa como habitar. No cotidiano, muitos dos problemas que se estabelecem no espaço da residência, por vezes entram na esfera da postergação. Dada a rapidez com que a pandemia e seus desdobramentos instalaram-se em diferentes escalas, muitos desses problemas evidenciam-se, maximizam-se e tornam a experiência de viver uma pandemia global mais complexa ainda, refletindo, especialmente, na esfera emocional. Entendemos, nesse sentido, que as transformações (abruptas) da vida cotidiana, como no caso da pandemia e do isolamento social, solicitam

e emanam respostas emocionais. As leituras emocionais que fazemos sobre um evento, bem como as emoções que são associadas à tal evento, potencializam a (re)criação e a ressignificação dos lugares.

Colocamos como ênfase o aspecto emocional para entender o momento de isolamento social, levando em consideração o aspecto espacial da casa e as relações que tal espaço possibilita na experiência do isolamento social. Um caminho fértil para análise é no campo da Neuroarquitetura, em que há uma importante discussão que aponta como a qualidade do espaço físico -- materiais da casa, ventilação, conforto térmico, iluminação, barulho, dentre outros elementos estruturais --, afetam na relação emocional que tecemos com esse espaço. Apresentamos ainda, uma breve reflexão de uma pesquisa realizada no mês de abril sobre a experiência do isolamento social. A pesquisa foi feita de forma online, e teve por objetivo entender a relação das emoções e dos espaços de residência, levando em consideração à percepção das pessoas sobre tal experiência. Ainda em fase de análise, dada a complexidade conjuntural, o número de participantes e as múltiplas experiências relatadas, apresentaremos alguns elementos que foram questionados na pesquisa e que dialogam com a ideia de transformação, adaptação, ressignificação, pensando a relação emocional com o espaço de residência. Serão apresentados dados organizados em formato de “nuvem de palavras”, para melhor compreensão das respostas subjetivas que foram fornecidas.

2. EXPERIÊNCIAS ESPACIAIS E EMOCIONAIS: CONTRIBUIÇÕES DA ARQUITETURA SOBRE A EXPERIÊNCIA DO HABITAR NO ISOLAMENTO SOCIAL

A pandemia da Covid-19 impactou as pessoas de diversas formas, seja em sua saúde física ou mental, seja na forma como trabalham, como vão ao mercado ou outros locais ou até como se relacionam com as pessoas. Essas mudanças, em sua maioria indesejadas, são de certa forma impostas a todos e todas nós e precisam ser encaradas de maneira resiliente, pois tentar negá-las é inviável e claramente causa impactos negativos, como o que estamos vivendo na realidade brasileira. Dentre essas necessidades de adaptações, temos a mudança na maneira de habitar, já que nos encontramos em isolamento social, e a maioria das atividades de nossa rotina estão sendo realizadas dentro de nossas residências, em um contexto de incertezas que afeta consideravelmente nossa experiência emocional. Dessa forma, os espaços da casa acabam ganhando novos

significados, funções e adaptações, por conta de práticas como o ensino à distância, o *home office* e as atividades físicas.

Essas atividades, que agora necessitam de um espaço para serem realizadas dentro das casas, já que em sua maioria são realizadas em outros locais, criam diferentes maneiras de interação entre os moradores e os ambientes, que precisam se adaptar para esse momento tão frágil, o que nos leva a refletir sobre a flexibilidade da casa e como ela abriga o seu morador.

Os ambientes da moradia buscam atender as necessidades básicas de seus residentes. Dessa forma, as residências contêm quartos para que possam dormir, cozinha para prepararem suas refeições, espaços coletivos para conviverem com outras pessoas, banheiros para sua higiene pessoal, de maneira que cada cômodo possui uma função principal. Entretanto, ao analisarmos o conceito de utilização desses espaço a partir de uma percepção da Neuroarquitetura, notamos que esses ambientes realizam mais do que apenas cumprir a dinâmica das necessidades. Ao experienciamos um espaço, estamos nos relacionando com ele, portanto, podemos sentir e construir uma conexão emocional com o ambiente, vivenciando emoções como alegria, tristeza, ansiedade e medo. Assim, a arquitetura de certa forma é viva e moldada por quem a habita. Na experiência com a casa, os residentes, seus objetos e suas ações são responsáveis por complementar o espaço, experienciando nele diferentes emoções, dando a ele diferentes significados, que vão além da sua função inicial, de maneira que a arquitetura da casa pode ser vista de diversas formas diferentes, sendo mais do que apenas elementos materiais.

Nesse contexto, é necessário pensar a dinâmica da casa não só em relação ao seu espaço geométrico, mas também a dinâmica do habitar, que na visão de Bachelard (1978), transcende a lógica da materialidade. Para o autor, a casa não é uma caixa inerte, porque ela remodela o ser humano, sendo um instrumento de “topoanálise”, podendo ser analisada a partir da ritmanálise, isto é, da dinâmica espaço e tempo. Em sua perspectiva, a casa é um “estado de alma”, afeta e é afetada na rel(ação) estabelecida, mesmo que a experiência seja em total solidão. A casa, do ponto de vista de sua essência poética, pode ser entendida também como referência do partir e do regressar. Portanto desperta sentimentos como enraizamento e permanência, sendo definidora nossa relação com o mundo. Com essa preocupação, Pallasmaa (2011, p. 60) afirma que “A experiência do lar é estruturada por atividades distintas - cozinhar, comer, socializar, ter atos íntimos - e não por elementos visuais”. Em sua perspectiva, uma sala não é simplesmente um sofá, uma

TV, um hack, ela também é a conversa, o aconchego, a segurança, a brincadeira, isto é, uma atmosfera que envolve a experiência do habitar. O autor aponta que “Podemos também pensar que a casa celebra o ato de habitar ao conectar-se de modo intencional com as realidades do mundo” (PALLASMAA, 2017, p. 8).

Ao falar sobre o ato de habitar, Pallasmaa (2017, p. 8) aponta que “Não apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade.” As novas necessidades de habitar a residência que surgem junto com a pandemia moldam nossas moradias fisicamente, na forma que utilizamos espaços e os adaptamos para a situação, e também como consideramos nossas casas, que antes da pandemia eram locais que poderiam ser vistos como confortáveis e atendiam às necessidades de um determinado momento do dia, agora faltam ambientes e tornam-se desconfortáveis, em função das novas necessidades impostas pelo momento. Essas mudanças também nos atinge emocionalmente, na forma como enxergamos a residência, influenciando nos sentimentos que criamos em nossa moradia, podendo considerar o local como refúgio, mas também como uma prisão, em virtude da necessidade de isolamento, criando novas experiências e memórias dentro do espaço da casa, essas que podem ser positivas ou negativas e influenciam em como nos sentimos. Sobre isso, Bachelard (1993, p. 200) entende que:

A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar no prosseguimento de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que clareiam a síntese memorial e da lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem.

Bachelard (1978) tem uma ampla reflexão sobre a casa, o habitar e os elementos que compõem a atmosfera da moradia, como a função da porta, da janela e de outros objetos. Para ele, a casa é nosso canto no mundo, nosso primeiro universo. Ao analisar a experiência do inverno, o autor afirma que são nas contradições que há um reforço da felicidade do habitar, aumentando o valor da habitação da casa. Podemos associar essa noção de “contradição” e “inverno” com o contexto que estamos vivenciando no isolamento social. Tal experiência nos faz repensar, como já afirmamos anteriormente a relação do eu, com o outro e o mundo, e Bachelard (1978) aponta isso quando fala sobre o “sonhador da casa” que sente e sabe de tudo isso e quando passa pela experiência de

diminuição do ser do mundo exterior experimenta um aumento de intensidade dos valores de intimidade.

A casa, no momento de isolamento social, ganha um sentido bastante complexo na experiência do cotidiano. Isso porque, por um lado, como afirma o autor, em função da hostilidade, os valores de proteção e resistência da casa são transformados em valores humanos, isto é, a permanência em casa, mantendo o isolamento social, não é apenas um “estar” em casa, mas é de adotar o valor de cuidado com o outro. Por outro lado, no entanto, a necessidade de permanecer 24 horas por dia em casa, convivendo com as demais pessoas, pode externalizar emoções que transcendem a ideia de proteção, mas estruturam uma atmosfera de ansiedade, angústia, raiva, sufocamento, tristeza, não só pelo momento em si, em conexão com a vida no exterior, mas também pela dinâmica que é necessário construir na casa, quase que às pressas, e que faz com que as relações com o espaço físico e a dinâmica intersubjetiva tome rumos não esperados por nós.

Pallasmaa (2017) fala que o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante. Nesse sentido, o habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico. Habitar é como um ato simbólico, de organização da vida, parte de nosso ser, que acomoda não só nosso corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, desejos, memórias e sonhos. Para o autor, é preciso pensar a essência poética do habitar, aquela essência que nos acompanha desde os primórdios e que não deve ser restrita ao aspecto estético da casa, mas também em elementos que nos remetem à segurança, proteção, abrigo, conforto e bem-estar.

É preciso pensar o ato de habitar não só em relação ao domesticar ou controlar o espaço, mas também de domesticar e controlar o tempo. Portanto, são construídas espacialidades e temporalidades da/na casa: os tempos que o corpo pede, são espacializados na casa (hora/atividade). Para o autor, o lar possui psique e alma, sendo uma expressão da personalidade do morador de seus padrões de vida únicos, proporcionando um apego psíquico individual, integrando memórias e imagens, desejos e medos, passado e presente. um olhar sobre essência de um ar nos aproxima do território psíquico da mente, sendo fértil o estudo introspectivo e fenomenológico de imagens, emoções, experiências e recordações que são vinculadas ao lar (PALLASMAA, 2015). Nessa inquietação caminha os debates no âmbito da Neuroarquitetura. Sobre isso, Solis e Herrera (2017, p. 44) afirmam que:

Debemos de comprender que los lugares donde vivimos o en los cuales pasamos la mayor parte de nuestro tiempo, pueden llegar a influenciar fuertemente en nuestra salud física y/o mental, esto no es únicamente en cuanto a que un color afecta tu estado de ánimo, va más allá, desde el tamaño del espacio hasta la ambientación o el mobiliario de dicho lugar.

Os estudos da Neuroarquitetura conectam a neurociência e o estudo de respostas comportamentais ao ambiente construído (PAPALE et al, 2016). Esses estudos, de acordo com os autores, visam colocar em evidência uma nova consciência da complexidade dos processos cognitivos e emocionais envolvidos na experiência diária de ambientes. Essa experiência está ligada diretamente com nossas percepções do/no espaço, conectados às múltiplas experiências sensoriais que experimentamos e que são parte da forma como representamos o espaço.

Essa preocupação com relação às questões emocionais na Arquitetura é o que Lozoya (2018) chama de “giro afetivo”. De acordo com a autora, essa dimensão afetiva implica inter-relações sistêmicas que produzem experiências subjetivas substanciais para o apego e a identidade espacial de indivíduos e grupos. Em sua perspectiva, “La arquitectura no está compuesta de materia inerte, sino de materiales que tienen organismos de diversa índole entre los cuales no hay una clara separación: palabras y mundos, naturaleza y cultura, hechos y representaciones son ensamblajes activos y creadores” (LOZOYA, 2018, p. 37).

De acordo com La Fuente (2013) a noção de saúde deve integrar não só a questão física, mas também o bem-estar mental, social e emocional. Nessa visão, há uma clara interação entre a infraestrutura da habitação e nossas perspectivas e respostas emocionais. Sobre o debate proposto pelo autor, nos interessa pensar a relação da arquitetura e da saúde psíquica, porque segundo o mesmo, a arquitetura pode afetar questões de ordem psicológica e emocional, por meio da criação de espaços e ambientes capazes de influenciar as emoções e humor das pessoas. Sensações como desconforto, medo, ansiedade, angústia, tristeza, depressão, desamparo, dentre outras emoções negativas, podem surgir na relação com espaços que consideramos feios, degradados, mal organizados, apertados, pouco ventilados, com desconforto térmico, sendo que essas sensações surgem na relação sensorial com o espaço.

Com essas reflexões, vimos a necessidade de analisar o momento da pandemia e do isolamento social, levando em consideração a relação dos espaços de residência e as

emoções. Um formulário online na plataforma *Google Forms* foi organizado e liberado para respostas autodeclaradas de qualquer pessoa (sem restrições) entre os dias 15 e 30 de abril de 2020, sendo sua divulgação realizada por redes sociais como *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*. Foram coletadas 635 respostas de participantes de todas as regiões do Brasil e de outros 7 países: Portugal, Alemanha, Colômbia, Estados Unidos, Bélgica, Filipinas e Argentina. O formulário contou com 29 perguntas abertas e fechadas com questionamentos sobre o perfil dos participantes (idade, cidade, estado, bairro e gênero), a infraestrutura da casa (número de cômodos, tipo de material), problemas da casa e do entorno (barulho, mau cheiro, ventilação, iluminação, falta de água ou luz), as atividades que estão sendo realizadas no isolamento social, as relações interpessoais no espaço de residência e as emoções experienciadas neste momento. Dentre as perguntas, foi questionado aos participantes se eles consideram a sua residência confortável para viver esse momento de isolamento social. Vamos focar nossa análise, da presente reflexão, nos participantes que afirmaram não estarem confortáveis em suas casas nesse momento, levando em consideração nosso debate anterior que parte do pressuposto da casa e da experiência de habitar como uma questão que deve pautar o conforto, o bem estar, a segurança e a proteção dos moradores. Para isso, apresentaremos além de dados numéricos, informações organizadas em “nuvem de palavras”, utilizando a plataforma *Infogram*. As palavras maiores expressam um maior número de respostas, onde é possível qualificar a experiência de não conforto no momento de isolamento social. Do universo de 635 respostas, aproximadamente 15% das pessoas respondeu não estar confortável com sua moradia, sendo a maioria delas pessoas do sexo feminino e dentro da faixa etária de 15 a 22 anos (22%).

Nesse contexto, mais de 50% desses participantes responderam estar vivendo o isolamento social junto com 3, 4 ou mais pessoas. Esse dado nos faz refletir sobre os valores da intimidade, a necessidade de ter seu próprio espaço, para que se possa criar uma relação entre o indivíduo e a casa. Entendemos que essa questão é um fator que se faz necessário na estruturação da intimidade com a casa e quando isso não ocorre, pode gerar relações negativas ou causar um desconforto em quem habita a residência. Além disso, manter uma relação em coletivo, dividir um quarto, compartilhar e gerir espaços é uma situação delicada, que necessita da harmonia e entendimento de ambas as partes para que possa funcionar de maneira tranquila, isso parte do respeito entre os residentes da casa, principalmente em uma situação como essa que estamos vivenciando. É preciso

colocar em pauta as necessidades, limitações e emoções de quem coexiste na moradia, sendo fundamental para manter uma boa relação tanto com as pessoas quanto com a casa e evitar experiências traumáticas, estressantes e angustiantes naquele ambiente. Contudo, essa boa convivência e a relação de intimidade com a casa não são sempre possíveis. Com isso a indiferença dentro do espaço em que vivemos e as experiências negativas neste ambiente, faz com que a casa que antes era “abrigo” e “aquecia no inverno”, agora torna-se o mais sufocante dos locais, a casa na qual habitava o “sonhador”, habita agora sonho nenhum, e nela vivem angústias, incertezas e ansiedades. O conforto torna desconforto, um desconforto do qual não consegue-se escapar por conta do contexto do isolamento, o que torna toda essa experiência ainda mais difícil.

Com relação à isso, outro questionamento realizado no questionário foi “*Em uma escala de 0 a 5, quanto foi a proximidade de diálogo com as pessoas que convivem com você em sua moradia? (sendo 0 nenhuma proximidade e 5 o máximo de proximidade).*”. Um número de 28.45% das pessoas elencou o nível 4 de proximidade, seguido de 25.25% apontou o nível 5 e 22.15% o nível 3, o que revela que uma parte significativa colocou o diálogo como ponto relevante no contexto do isolamento social, o que consideramos uma questão importante no que diz respeito ao debate emocional na atmosfera da casa. Sobre o uso dos espaços, 60% revelam passar mais tempo nos espaços íntimos da casa (quarto e escritório, por exemplo), sendo que 46,30% afirmam que preferem ficar nesses espaços íntimos, o que reforça a relação de intimidade. Já sobre a infraestrutura para atividades como *home office* e *ead*, 60% desses participantes consideraram que a casa não possui infraestrutura adequada, o que pode nos levar a entender que talvez os espaços que as pessoas que se sentem desconfortáveis em suas casas neste momento não conseguem ajustar seus espaços para essas práticas.

Para melhor visualização das respostas subjetivas, apresentaremos no formato “*nuvem de palavras*”. No questionamento “*Se pudesse descrever uma emoção que está sentindo nesse contexto de isolamento social, qual seria?*” representado pela figura 1, tivemos a seguintes emoções relatadas



Figura 2: nuvem de palavras do questionamento “*Como você se sente em relação a sua casa nesse momento?*” Fonte: As autoras (2020)

A nuvens de palavras a cima, a qual trata sobre a relação das pessoas que sentem-se desconfortáveis com suas moradias nesse momento, reflete o desconforto e o mal estar, mas ao mesmo tempo também apresenta pessoas que sentem-se bem em relação a suas residência, o que podemos entender como uma boa relação do morador com a casa, da sua intimidade e criação de memórias. Também podemos perceber que além das emoções, também existem desejos, como por exemplo mais espaço, melhor ventilação, fatores esses que são diretamente ligados à arquitetura, e que influenciam no desconforto, reafirmando o que foi colocado anteriormente.

Por fim o ultimo questionamento que será analisado, “*Você precisou se adaptar aos espaços da sua casa para realizar alguma atividade? Como tem se sentido com relação à isso? (ex.: sala virou escritório, garagem para atividade física, dividir o quarto com mais pessoas ou ficar separado de algum membro da família dentro de casa).*” Aqui, iremos apresentar as respostas do universo total da pesquisa e não somente daquelas que se sentem desconfortáveis sem suas casas, como apresentado anteriormente. Ao analisarmos essa questão sobre a alterações de ambientes da casa, 43,2% das pessoas relataram realizar algum tipo de adaptação, de forma que o ambiente que foi projetado para uma necessidade, passou a cumprir outra, sendo flexível para atender o que os moradores precisam nesse momento e mudando também a sua experiência de habitar.

Organizamos as respostas em nuvem de palavras, em que as maiores palavras representam as mudanças que foram mais relatadas e as menores as menos relatadas, representada abaixo pela figura 3.



Figura 3: nuvem de palavras sobre “As principais adaptações realizadas nas residências durante a pandemia de Covid-19?”. Fonte: As autoras (2020)

Neste momento, estamos vivenciando uma realidade de mundo diferente de tudo que já passamos, e habitar tornou-se uma nova experiência. Estar em casa o tempo inteiro por conta do isolamento social e as necessidades de manter a rotina dentro do ambiente da residência, nos levou a adaptar os cômodos de nossas moradias, conforme apresentada na nuvem de palavras. Dessa forma a sala virou escritório, o quarto virou sala de estudos, o quintal ou varanda tornou-se academia, espaço da sala ou dos fundos da casa, precisou virar uma anti sala para a retirada de sapatos e higienização antes de entrar em casa, tudo foi modificado a fim de adaptar-se a situação e ter uma melhor experiência em habitar.

Contudo, essa necessidade de mudança e a falta de infraestrutura (prévia) dentro da residência podem piorar a experiência do isolamento social, de forma que os moradores sentem-se desconfortáveis em seus lares e incomodados com essa situação, em especial, pela experiência emocional que faz parte de uma escala mais ampla da situação. Essa readaptação dos espaços e conseqüentemente uma ressignificação da experiência do habitar mostra a capacidade que temos de lidar com mudanças e a necessidades que nos não cobradas de transformação. No entanto, nossa análise revela que essas transformações e adaptações são acompanhadas por experiências emocionais nem sempre positivas, já que a dinâmica do habitar, a esfera da intimidade e o espaço privado, são significativamente influenciados por uma dinâmica externa, por um “fato comum” à todas e todos, em que experienciamos “extremos emocionais”, como a criatividade para se adaptar, ao mesmo tempo o tédio com a necessidade da mudança.

3. PARA CONTINUAR A REFLETIR

A forma como experienciamos o espaço da nossa casa mudou com a pandemia. Os cômodos ganharam novos significados e a forma de habitar foi reorganizada pelas pessoas. Como foi possível observar na pesquisa, quartos, salas e cozinhas agora precisam atender às novas demandas como o ensino à distância e o *home office*. Diversos espaços, tanto internos quanto externos, são utilizados para a prática de exercícios físicos; há a necessidade de limpar e higienizar o que vem da rua, em que banheiros externos e entradas ganham função de ante-sala para a completa limpeza antes de entrar nas casas. Esses fatores nos fazem (re)pensar na formação dos espaços como algo flexível que abriga qualquer tipo de atividade, no qual habitam diferentes ações, objetos e memórias. Portanto, o espaço não é estático, é efêmero em sua função, abrigo dentro de si mais do que um simples programa de necessidades e mudando conforme o tempo e os novos costumes, criando diferentes relações entre o morador e o ambiente.

Os espaços reformáveis e adaptáveis podem mostrar que a mudança das pessoas e do momento em que estamos vivendo reflete em como usamos nossa casa, em como nos mantemos nela, quais são nossas relações e emoções com o espaço, além disso, também nos permite permanecer no local forma mais confortável possível. Nossa provocação coloca em questão a necessidade das casas serem projetadas para que tenhamos experiências emocionais positivas, cumprindo sua função primordial, da casa como abrigo e aconchego, ao mesmo tempo em que é preciso pensar em infraestruturas que possam estar flexíveis para essas mudanças que, por vezes, são impostas pela necessidade das novas formas de estar em relação com os espaços, as pessoas e a vida coletiva, levando em consideração o cuidado de si e o cuidado com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LOZOYA, Johanna. Giro afectivo: una aproximación al dilema espacial de las emociones. **Bitácora arquitectura**, número 39 , 2018, p. 34-39.

FUENTE, Javier Antonio Alvariño de la. **O edifício doente: relação entre construção, saúde e bem-estar**. 105f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Programa de Pós-Graduação de Arquitetura da Universidade do Minho, Minho, Portugal, 2013.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
_____. **Habitar**. São Paulo: GGilli, 2017.

PAPALE, Paolo et al. When Neuroscience ‘Touches’ Architecture: From Hapticity to a Supramodal Functioning of the Human Brain. *Front. Psychol* 7:866, 2016. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00866. Acesso em 6 jun 2020.

SOLÍS, Andrea Mariel Elizondo; HERRERA, Nora Livia Rivera. El espacio físico y la mente: Reflexión sobre la neuroarquitectura. **Cuadernos de Arquitectura**. Año 07 N°07 Abril 2017, p. 41-47.